



# A AUTOETNOGRAFIA NAS PESQUISAS EM ARTES CÊNICAS: uma Revisão Narrativa de Literatura

## ROI ROGERES FERNANDES FILHO

Cigano da etnia Calon e tradição circense; jornalista, multiartista e cineasta; doutorando em Artes Cênicas junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA). Desenvolve pesquisa autoetnográfica acerca da contribuição cigana para o circo brasileiro, com bolsa da CAPES/MEC. É Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU/IHAC-UFBA, 2023), onde estudou políticas afirmativas para Povos Ciganos. É membro dos Grupos de Pesquisa Circensis e Observatório da Vida Estudantil (OVE); e integra o Coletivo @ciganagens.

## FABIO DAL GALLO

Professor da Escola de Teatro da UFBA, docente do PPGAC/UFBA e PROF-ARTES. Graduado em Economia Política e Mestre em Ciências Sociais pela Alma Mater Stodiorum (Universidade de Bolonha - Itália). Doutor em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA, 2009). Integrante dos grupos de pesquisa Circensis e GIPE-CIT. Artista de números circenses, com experiências em circo, teatro educacional e teatro de comunidades.

## RESUMO

Tomando como método a Revisão Narrativa de Literatura (RNL), em aliança com reflexões autoetnográficas para a pesquisa bibliográfica, este estudo, de natureza qualitativa, tem o objetivo central de compreender o método autoetnográfico e o seu uso nas pesquisas em Artes Cênicas nos últimos anos, considerando as linguagens do circo, da música, da dança e do teatro. O segundo objetivo consiste em apresentar reflexões autoetnográficas críticas e insurgentes acerca desse método, desvelando suas potencialidades e limites na pesquisa científica. As claves teóricas estão ancoradas nos conceitos de *Contracolonialidade e Confluência*, do autor quilombola, Antônio Bispo dos Santos – o Nêgo Bispo (2015; 2023); e *Subjetividades e Memória*, do indígena Ailton Krenak (2019). Dividido em duas seções que se complementam e confluem no atingimento dos objetivos, o estudo aponta para o crescente uso da autoetnografia nas pesquisas em Artes Cênicas, e oferece pistas de como este método pode potencializar, fortalecer e contemplar autorias de sujeitos/as insurgentes, corroborando para uma ciência autocrítica e autorreflexiva, que se pretende contracolonial, em contribuição com a virada epistemológica destes tempos.

## PALAVRAS-CHAVE:

Autoetnografia. Artes Cênicas. Contracolonialidade. Memória. Revisão Narrativa.

## ABSTRACT

*Using Review Narrative Literature (RNL) as a method, combined with autoethnographic reflections for bibliographic research, this qualitative study aims to understand the autoethnographic method and its use in Performing Arts research in recent years, considering the languages of circus, music, dance, and theater. The second objective is to present critical and insurgent autoethnographic reflections on this method, revealing its potential and limitations in scientific research. The theoretical frameworks are anchored in "Countercoloniality and Confluence," by quilombola author Antônio Bispo dos Santos – aka Nêgo Bispo (2015; 2023); and "Subjectivities and Memory", by indigenous author Ailton Krenak (2019). Divided into two complementary sections that converge to achieve the objectives, the study highlights the growing use of autoethnography in Performing Arts research and offers clues as to how this method can enhance, strengthen, and consider the authorship of insurgent subjects, supporting a self-critical and self-reflective science that aims to be countercolonial and contribute to the epistemological shift of our times.*

## KEYWORDS:

*Autoethnography. Performing Arts. Countercoloniality. Memory. Narrative Revision.*



# ABRINDO AS CORTINAS: INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, notadamente durante e no pós-pandemia da covid-19, ocorrida entre 2020 e 2023, eclodiu uma série de estudos, dentre artigos, dissertações e teses, que tomam a autoetnografia como método de pesquisa no campo das Artes Cênicas. As linguagens artísticas da dança, da música, do teatro e do circo, conforme demonstra este estudo, de natureza qualitativa, a partir do método da Revisão Narrativa de Literatura (RNL), vêm sendo paulatinamente contempladas com o uso do método autoetnográfico.

O meu interesse pela autoetnografia se intensificou a partir de 2020, quando a adotei na pesquisa de mestrado (cf. Fernandes Filho, 2023), para elaborar um panorama das Ações Afirmativas no ensino superior voltado aos Povos Ciganos, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade (PPGEISU), do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Durante o processo da pesquisa, fui a fundo na compreensão do método, elaborando uma revisão de literatura sobre o uso deste nos estudos das vidas estudantis, originando o artigo "Estudante Nu Espelho: o fazer autoetnográfico refletido em tendas de sentidos" (Fernandes Filho; Santos, 2023).

Já naquele momento, era notável o quanto as mais diversas áreas do conhecimento vinham fazendo uso da autoetnografia para debater, compreender, denunciar, manifestar, dar vez e voz a estudantes-autores com histórias insurgentes e questões pertinentes e existenciais que permeiam as suas vidas, nas instituições e salas de aula. E foi assim que cada vez mais encontrava sentido nesse método para pesquisar um tema que me era tão caro, enquanto estudante cigano da etnia Calon (Fernandes Filho, 2023) e de tradição circense, primeiro autor deste artigo. Desnudar-se para se desvelar, mantendo-se o rigor científico e tendo a si como sujeito e autor ao mesmo tempo, e não mais mero objeto, como impõe a ciência positivista e eurocentrada, pode até parecer em princípio uma tarefa fácil. Mas, ao contrário do que se pensa, os desafios são gigantescos, e só a feitura através deste princípio pode dar conta de como essa escolha implica em uma série de inquietações.



Vale destacar que a opção pela autoetnografia para o surgimento da dissertação não foi uma decisão minha ou de minha então orientadora, profa. Dra. Georgina G. dos Santos (Gina), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), mas o resultado de uma “dança”, cuja cadência implicou em declínio, desistência, insurgência e, sobretudo, coragem. Ensaíamos juntos(as) até nos firmarmos em uma coreografia, cujo ritmo foi, por vezes, fluente, agitado, por outras, estagnado. O fundamental, porém, foi não continuar mais calado. O canto fluiu. A voz ecoou (Fernandes Filho; Santos, 2023).

E nos tempos que seguem, durante a pesquisa de doutorado em curso no PPGAC-UFBA, ora intitulada “Ciganenses Nu Espelho: a tradição circense entre os Povos Ciganos Calóns com a família Fernandes no picadeiro do circo brasileiro”, me vi novamente convocado a compreender como a autoetnografia tem agora sido utilizada no campo das Artes Cênicas, e, com alguma sorte, especificamente nas pesquisas em circo, a linguagem que a mim desperta o maior interesse.

Assim, na primeira parte deste estudo, interessa compreender como e de que forma a autoetnografia tem sido utilizada nessa área do conhecimento nos últimos cinco anos, principalmente. Para tanto, busquei no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC); no *Google Acadêmico*; no *SciELO*; na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD); e no portal *Google*, entre 2020 e 2025, utilizando os descritores autoetnografia + artes cênicas; autoetnografia + circo; autoetnografia + teatro/dança/música; autoetnografia+artes. Os resultados originaram a primeira etapa, cumprindo com o objetivo iniciático. Na segunda parte, interessa cumprir o objetivo seguinte, que é apresentar reflexões autoetnográficas críticas e insurgentes acerca desse método, desvelando suas potencialidades e seus limites na pesquisa científica, projetando luz sobre autorias de sujeitos/as insurgentes.

Quanto à Revisão Narrativa de Literatura (RNL), trata-se de um método de revisão bibliográfica que tem por base a flexibilidade e a subjetividade, proporcionando reflexões críticas e abertas dos/as autores/as, que assumem a voz narrativa, em diálogo com a literatura correlata. A forte influência do fator humano na escolha da literatura e das referências analisadas para a organização e produção dos resultados é outro aspecto relevante da RNL, além de atender ao propósito de fornecer uma síntese narrativa sobre os temas de interesse nos estudos.



Ao sintetizar o conhecimento disponível, esse método abre espaço para a criatividade na escrita, e pode indicar os próximos passos que os novos trabalhos devem focar (Flor *et al.*, 2021). Embora não seja obrigatório estabelecer critérios explícitos ou sistematização na descrição e no desenvolvimento de determinada pesquisa ou tema com esse método, considere importante situar o(a) leitor(a) acerca de como os trabalhos surgiram, fazendo eclodir os estudos do tema trabalhado, a partir das fontes de dados predeterminadas. Diferentemente de outros tipos de revisões literárias que não admitem interferências críticas do autor, as RNLs são classificadas como uma análise de literatura que fornece sínteses reflexivas e compreensivas das informações que já foram publicadas, constituindo-se, assim, “de um instrumento de ensino útil por sua natureza de construção e sistematização aberta das informações” (Flor *et al.*, 2021, p. 6-7).

Ou seja, a RNL é um método subjetivo que pode variar de acordo com a vivência e a experiência do autor da pesquisa. Dessa maneira, não se baseia em critérios rígidos para buscar os dados, e a análise dos dados pode sofrer interferência de quem está realizando o trabalho. Mas nada impede o autor de detalhar a estratégia aplicada, uma vez que tal procedimento pode conferir maior rigor e confiabilidade ao estudo. Frequentemente a RNL é utilizada em fundamentações teóricas de trabalhos de conclusão de cursos, de teses e de dissertações (Cordeiro *et al.*, 2007).

Sobre *subjetividade*, nos ilumina Ailton Krenak (2019), é relevante enriquecer as nossas subjetividades pela via da ciência também, pois trata-se de matéria que este tempo em que nós vivemos insiste em querer consumir, de variadas formas. “Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado” (Krenak, 2019, p. 18).

Em uma cambalhota adiante, demonstrando o uso do método autoetnográfico na prática da escrita, projeta-se luz para relatos e explicações sobre a autoetnografia que trazem ao centro vozes contra-hegemônicas, abrindo espaços para confluências com outras autorias além das Artes Cênicas, por suas profundidades e densidades ao desvelar as potencialidades e os limites desse método, que, apesar de ganhar novos e relevantes contornos nos tempos de agora, implica em desafios diversos, como perceberemos adiante.

Por *confluência*, propõe o autor quilombola Antônio Bispo dos Santos – o Nêgo Bispo (2023, p. 68): “é a lei que rege a relação entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que



se junta se mistura, ou seja, nada é igual”, mas pode ser compartilhado, ou seja, confluyente. *Confluência* é também uma substituição à palavra colonial “coincidência”. “Para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico” (Santos, A., 2023, p. 3-4).

Nesse limiar, pela natureza contra-hegemônica da ciência positivista, este artigo se insere no rol dos estudos contracoloniais, ainda em *confluência* com Antônio Bispo dos Santos (2023). “O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo” (Santos, A., 2015, p. 58). E mais, a palavra contracolonialismo foi criada e utilizada para enfraquecer o colonialismo. “Já que o referencial de um extremo é outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio” (Santos, A., 2015, p. 59).

Essa postura justifica-se na escolha da autoetnografia enquanto método que recusa o formato eurocêntrico, em que sobreviventes de Comunidades Tradicionais recusam a condição de objetos investigados e passam a ser, a um só tempo, autores e sujeitos da pesquisa, assumindo o protagonismo na sua produção, pois, em concordância com Bispo dos Santos (2015, p. 74), “é preciso contracolônizar a estrutura organizativa”, porque também concordamos que o colonialismo não acabou e ainda segue seu curso perverso, necessitando, portanto, de formas e estratégias de combate, inclusive no campo da pesquisa científica.

Dessa forma, considero a autoetnografia um método pertinente, apostando que o seu exercício advoga em favor do surgimento e do fortalecimento de novas epistemologias e novos debates insurgentes, inclusive metodológicos, no campo das Artes Cênicas. Nesse sentido, o presente estudo oferece pistas de como o método autoetnográfico pode potencializar, fortalecer e contemplar autorias de sujeitos/as insurgentes, corroborando para a eclosão de uma ciência autocrítica e autorreflexiva, que se pretenda contracolonial, e em contribuição com a virada epistemológica observada nestes tempos.



# BREVES REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A AUTOETNOGRAFIA

Inserida na tradição interacionista da Escola de Chicago, o método autoetnográfico ou a autoetnografia surgiu no final dos anos 1970, a partir da etnografia urbana e organizacional, criada por pesquisadores – antropólogos norte-americanos, insatisfeitos com a etnografia tradicional, bem como para denominar etnógrafos que pesquisavam seus próprios grupos culturais (Ono, 2018). Mas o termo ganhou força a partir dos anos 1990 com o seu uso por parte de pesquisadores das Ciências Sociais em outras partes do mundo, notadamente na América Latina. Acerca do termo, diz o sociólogo Silvio Matheus A. Santos: “[...] A palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (‘escrever’), sobre um grupo de pertença (‘um povo’), a partir de ‘si mesmo’ (da ótica daquele que escreve)” (Santos, S., 2017, p. 218).

Segundo Ono (2018), por intermédio da autoetnografia, o indivíduo, ora pesquisador ora participante da pesquisa, compreende a si mesmo por meio da reflexão e do contexto no qual está inserido. “Ao compreender a si mesmo, entenderá não só o contexto pesquisado como também os demais envolvidos (Ono, 2018, p. 19).

Para Dal Gallo (2012), é relevante a autoetnografia, configurada quando o pesquisador textualiza, ou seja, escreve acerca de e/ou com o seu próprio grupo de pertença. “Este tipo de método oferece uma posição e uma emotividade típica, além de um explícito julgamento no trabalho de campo, tendo pouca distinção entre pesquisador e pesquisado” (Dal Gallo, 2012, p. 7).

Isto é, autoetnógrafos/as são, a um só tempo, autores/as e sujeitos/as da pesquisa, rompendo com os paradigmas positivistas eurocentrados da ciência hegemônica, em que grupos sociais e tradicionais estão contidos na categoria de meros objetos. Sugestionando a escrita em primeira pessoa, em forma criativa, performativa, reflexiva, poética, capaz de proporcionar o



encantamento, assim, “autoetnografar implica, em alguma medida, denunciar, manifestar ou até mesmo revelar situações vivenciadas a partir das memórias de experiências vividas” (Fernandes Filho; Santos, 2023, p. 314).

Em concordância com Ono (2018), enquanto a pesquisa positivista busca a impessoalidade e a objetividade em relação ao fenômeno investigado, a pesquisa qualitativa autoetnográfica sublinha a importância da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento nos estudos socioculturais. E mais, a autoetnografia permite o envolvimento do pesquisador e possibilita transpor para o seu estudo as suas experiências emocionais, revelando detalhes da pesquisa. Assim,

A pesquisa autoetnográfica destaca a experiência pessoal no contexto das interações sociais e práticas culturais, buscando o engajamento reflexivo por parte do pesquisador e revelando o conhecimento de dentro do fenômeno pesquisado. Podemos concluir, então, que a autoetnografia promove a reflexividade no processo de pesquisa (Ono, 2018, p. 18).

Para além da possibilidade de conferir vez e voz aos sujeitos subalternizados, “o método oportuniza a autoanálise para promover uma compreensão particular e subjetiva de fenômenos sociais e culturais” (Fernandes Filho; Santos, 2023, p. 311). Mas Sílvia M. A. Santos (2017) faz um alerta, sugerindo que os(as) autotetnógrafos(as) devam manter precaução em relação aos aspectos éticos da pesquisa, porque, de modo semelhante aos etnógrafos tradicionais, também podem ter de proteger a privacidade e a segurança dos sujeitos(as) da pesquisa quando há outros(as) além de si, alterando, por exemplo, as características de identificação, determinadas circunstâncias e temas discutidos, ou fatores como raça, gênero, nome e lugar (Fernandes Filho; Santos, 2023, p. 322).

Contudo, indubitavelmente (Fernandes Filho, Santos, 2023), a autoetnografia rompe com concepções tradicionais e canônicas da pesquisa científica e proporciona aos pesquisadores se unificarem ao que estudam, pela via e pela adoção de novas estratégias teórico-metodológicas contracoloniais, pautadas no reconhecimento de saberes tradicionais orgânicos e na valorização das subjetividades inerentes a cada sujeito, além de fazer luzir um novo fazer científico compreensivo e íntimo, que não nos separe, mas antes nos una profundamente ao objeto que



investigamos e aos sujeitos/as que estamos pesquisando. Ademais, como nos recorda Ailton Krenak (2019, p. 17), “a gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais”.

---

## DO MÉTODO À CENA: A AUTOETNOGRAFIA NAS ARTES CÊNICAS

---

As buscas com a Revisão Narrativa de Literatura alcançaram uma diversidade interessante de estudos produzidos com o método autoetnográfico nas Artes Cênicas. Chamam atenção ainda os tipos diversos de autoetnografia, podendo ser crítica, descritiva, analítica, reflexiva etc., e as similitudes e diferenças entre outros tipos de métodos, a exemplo da etnografia, da biografia, da autobiografia, das escritas de si, das histórias de vida, dentre outras.

Primeiramente, foquei na linguagem do circo e, além da dissertação que produzi (Fernandes Filho, 2023), em que o circo se faz armado ao contar as problemáticas e os desafios de ter sido um estudante cigano da etnia Calón, vivente da tradição circense, cheguei ao trabalho de Miranda e Bortoletto (2018), feito um pouco antes da delimitação de tempo estabelecida, de 2020 a 2025.

Embora não reflita exatamente a utilização do método em si, os seus aspectos positivos e os limites, o trabalho supracitado se apoia na autoetnografia para tratar do circo na formação inicial na área da Educação Física, por meio de um relato autoetnográfico. Essas autoras consideram incomum escrever textos acadêmicos em primeira pessoa, mas aprenderam que “a autoetnografia confere ao pesquisador a oportunidade de compreender profundamente suas escolhas tanto na pesquisa como fora dela” (Miranda; Bortoletto, 2018, p. 290).



Vale destacar a linguagem da dança, que reúne a maior quantidade de estudos autoetnográficos alcançados, sendo um desses o de Dantas (2024). A experiência da autora com a autoetnografia lhe mostrou que o exercício da escrita torna-se um dos principais modos de produção da informação, “uma vez que o olhar do pesquisador confunde-se com o olhar do artista, é um olhar que, ao se voltar para o processo de criação, não separa o fazer artístico do fazer investigativo” (Dantas, 2024, p. 127), destacando que a escrita foi o que efetivamente favoreceu a produção de um relativo distanciamento e uma certa compreensão das obras e de seus processos:

Do mesmo modo, a conjugação do olhar e da escrita, tanto na etnografia como na autoetnografia, permite a emergência de temas que nutrem a elaboração de perspectivas teóricas. Assim, pude constatar que nesse tipo de pesquisa os conceitos oriundos da reflexão teórica são constantemente confrontados e enriquecidos pelas informações produzidas no trabalho de campo (Dantas, 2024, p. 127-128).

Chama atenção a comparação que Dantas (2018) faz com a etnografia, método outrora utilizado pela autora, relatando e confidenciando que, de uma experiência como observadora participante nos estudos etnográficos, ela passou para uma outra experiência, a de participante observadora, com o uso do método autoetnográfico. “Em outras palavras, as sensações, percepções, sentimentos e pensamentos decorrentes da minha presença como artista envolvida na criação das obras investigadas por mim mesma constituíram os principais dados a serem produzidos” (Dantas, 2024, p. 127).

Já Coccaro (2024) faz outras comparações, refletindo que a autoetnografia se aproxima da autobiografia e dos relatos sobre si, e também se relaciona com a técnica de história de vida, entretanto, nas pesquisas de/com/em/sobre/através/a partir da prática artística, é utilizada como ferramenta autorreflexiva, “abarcando as reações somáticas do pesquisador, incluídas por meio de notações no trabalho escrito sobre a experiência de campo” (Coccaro, 2024, p. 54). Ainda para Coccaro, (2021, p. 19), a “autoetnografia é ao mesmo tempo processo e produto”, uma vez que para a pesquisadora, a escolha do método autoetnográfico enfocou na criação de novas formas de experimentar a escrita enquanto produto e processo no campo artístico. “A inclusão das reações somáticas nos textos apontou para conhecimentos sobre a dança provocadas segundo os efeitos que ela produz” (Coccaro, 2021, p. 19-20).



Em estudo na linguagem da música, Ferreira (2018) argumenta que a autoetnografia é uma metodologia científica que utiliza como base o uso da memória do autor: “a experiência vivida e a experiência descrita a partir não somente do objeto analisado, mas tendo como preceito que o próprio objeto parte da memória e experiência do pesquisador” (Ferreira, 2018, p. 1), corroborando Krenak (2019, p. 9), quando este afirma que, “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”.

Araújo (2017), por sua vez, considera a vivência e a dimensão cultural da prática artística reflexiva, enaltecendo o seu viés político transgressor e ao mesmo tempo crítico de posturas socioculturais dominantes, bem como a pertinência de sua utilização “por artistas e/ou docentes que desejem pesquisar suas próprias práticas, contribuindo com seus procedimentos/olhares singulares, inclusive porque o intuito maior da autoetnografia é dar compreensão às histórias pessoais” (Araújo, 2017, p. 23). E acrescenta: “o que pode diferir em especificidade seria a maneira que a autoetnografia abarca a ação do próprio pesquisador como agente direto, sem, contudo, abrir mão ou ir contra a objetividade de outros métodos” (Araújo, 2017, p. 26).

A autorreflexividade é outro aspecto forte nos estudos, a exemplo de da Silva Acácio (2023, p. 7), “a autoetnografia é uma alternativa metodológica de natureza qualitativa, cuja abordagem autor-reflexiva ilumina novos e proveitosos caminhos para estudos acadêmicos interessados na investigação de processos cênicos”.

Voltando à memória, também para da Silva Acácio (2023), a autoetnografia como formadora de uma investigação caracteriza-se pela descrição densa dos fatores vividos a partir da memória ou memória crítica do pesquisador. Ele explica que os fenômenos não são submetidos a análises em um primeiro momento, sendo considerada informadora quando os documentos autoetnográficos apresentados são tão importantes quanto outras fontes utilizadas na pesquisa, a exemplo de livros, artigos etc., sugerindo a análise dessas informações posteriormente.

O autor supracitado aponta que a autoetnografia também pode ser considerada heurística, quando quer refletir sobre os diferentes estágios do processo criativo, interessando-se mais pelo movimento criador do que pelo resultado. Enquanto que a autoetnografia descritiva sugere que a pesquisa será apresentada pelo autor num primeiro momento de forma descritiva, aliada a um



caráter de investigação preliminar, sem aprofundamento. Em um momento seguinte, percebe-se o desenvolvimento de viés crítico; “a partir daí, a autoetnografia alia-se a um caráter analítico, reflexivo, favorecendo uma constante conscientização, avaliação e reavaliação da pesquisa, contribuindo para a construção de conhecimento acerca do objeto estudado” (Acácio, 2023, p. 7-8).

O fator coletivo/coletividade é outro ponto que expande a necessidade do uso desse método. “Identifico no uso da autoetnografia um meio único para a recomposição/descrição das ações do coletivo, tomando os arquivos do processo como tão importantes quanto os referenciais teóricos aplicados à pesquisa” (Acácio, 2023, p. 8).

Tendo em vista que os projetos de aprendizado da prática artística, Fortin (2009) pontua, quer se trate da própria prática, quer seja de um outro artista, que ocupam o estúdio, o atelier, a aula ou a comunidade, e concebendo esses lugares como campos da prática artística, tanto a etnografia quanto a ‘auto-etnografia’ podem, desde então, ser consideradas como métodos de pesquisa, ocasionalmente inspirando a bricolagem metodológica do pesquisador em prática artística.

Por “bricolagem” metodológica, o que Monik Bruneau chama de cenários metodológicos, Fortin (2009) compreende a integração dos elementos vindos dos horizontes múltiplos, o que estaria distante de ser um tão somente um sincretismo efetuado simplesmente por comodidade. “Os empréstimos são aqui pertinentemente integrados a uma finalidade particular que, muitas vezes, pelos pesquisadores em arte, toma a forma de uma análise reflexiva da prática de campo” (Fortin, 2009, p. 78). Assim,

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si (Fortin, 2009, p. 83).

Fortin (2009) chama atenção para o fato de que uma pesquisa que não tem por objetivo a representação dos fatos, mas principalmente a evocação e a comunicação de uma nova consciência da experiência, define o caráter de resistência e de empoderamento que pode oferecer uma narrativa se afirmando sobre a base da experiência sensível e singular. Sua crítica deriva, assim, da etnografia tradicional, em que o pesquisador fazia papel de autoridade em um tom que, por



vezes, parecia perpetuar ou justificar uma atitude colonialista, e é acompanhada por uma consciência dos limites da autoetnografia. E, dessa forma, “a adesão a uma perspectiva candidata a existência de realidades múltiplas co-construídas instala-se a exposição de vozes individuais, mas não coloca para tanto ao abrigo da crítica, já que a estrita contemplação da experiência individual favorece a manutenção do *status quo*” (Fortin, 2009, p. 83). E mais:

De fato, a auto-etnografia, nós vimos, se liga bem à perspectiva pós-colonialista que rejeita as meta-narrações, os meta-temas, independentemente das condições de possibilidade de assumir a palavra. Os dados autoetnográficos, definidos como as expressões da experiência pessoal, aspiram a ultrapassar a aventura propriamente individual do sujeito (Fortin, 2009, p. 84).

Ainda em alinhamento com Fortin (2009), os modelos desenvolvidos de autoetnografias se inserem em uma tentativa de difusão dos saberes pelas formas de escrita evocativas, em que a narração não tem por objetivo relatar os fatos, mas se torna principalmente um ato de comunicação para atingir o outro. “O que faz alguns dizerem que a auto-etnografia, em razão de suas exigências literárias, não convém a todo mundo” (Fortin, 2009, p. 84). E bem pontua que, “evidentemente, os dados auto-etnográficos não escapam às exigências de rigor que são impostas por toda pesquisa universitária” (Fortin, 2009, p. 84).

Uma vez mais, encontramos comparações no sentido de ressaltar os diferenciais da autoetnografia. Costa (2025) avigora que, em linhas gerais, no que se refere ao método, a autoetnografia combina a autobiografia, ou seja, pode ser “um gênero literário, no qual o autor seleciona e narra suas experiências de vida e a etnografia, que se trata de uma metodologia de pesquisa que estuda a cultura e o comportamento de grupos sociais” (Costa, 2025, p. 280).

Segundo Costa (2025), a reflexão proposta por textos autoetnográficos permite compreender não somente as escolhas de vida do/a autor/a, como também a transformação cultural, histórica e afetiva da sociedade, corroborando ainda para a compreensão dos atravessamentos multiespécies que experienciamos, muitas vezes, sem notar. Contudo, “essa invisibilidade da afetação que o outro nos provoca seja nas viagens, seja no dia a dia, não impede que haja transformações comportamentais e éticas individuais e coletivas” (Costa, 2025, p. 279).



Para Bins (2020), a autoetnografia se apresenta como uma possibilidade de reflexão sobre as subjetividades, porque autores/as contam suas histórias e, ao contá-las, buscam que a evocação do pessoal possa iluminar o geral. “Esperamos que de alguma forma essa história ressoe ao leitor e que lhe suscite uma combinação com as próprias experiências” (Bins, 2020, p. 35). Complementando, para Oliveira (2025) o conceito de autoetnografia fundamenta-se como uma abordagem teórica, metodológica e principalmente textual, que visa propor análises críticas socioculturais, induzir experiências, reflexões e representar, através da evocação, a relação do *Self* com o meio cultural, “ao contrastar a experiência individual com a experiência coletiva, e assim, tentar expor as políticas da identidade e apelar para a justiça social” (Oliveira, 2025, p. 10). Ainda sobre as sensações provocadas com autoetnografia, vejamos o íntimo relato de Oliveira:

A metodologia autoetnográfica me transporta para as experiências de corpo, de escrita e de fala em relação às trocas compartilhadas de dança em sua forma ampliada, enquanto minha vivência como discente em sala de aula. As vivências, os compartilhamentos, os aprendizados, as criações produzidas, as construções, as desconstruções me despertaram um novo olhar para além do que eu aprendi e das experiências que adquiri, sempre descobrindo o novo. Um novo modo de fazer, um novo modo de aprender, um novo modo de transmitir o conhecimento que absorvia (2025, p. 10).

De modo que a dança na perspectiva autoetnográfica, unida também à etnografia, “possui essa dimensão de nos sugerir que todas as vivências culturais, sociais partindo de um princípio singular é transformado em ações e experiências plurais” (Oliveira, 2025, p. 7). Sua utilização conferiu, a Oliveira (2025), mais aproximação e afetividade ao iniciar para descrevê-las com os pontos que a motivaram à escrita e às performances, a pesquisar e relacioná-las à autoetnografia, concebendo-a de modo que, para a autora, é ter o olhar singular a partir das reflexividades, das resiliências, das experiências pela descoberta de uma identidade por uma “perspectiva própria, porém comum a todo ambiente que se insere, as relações que pude construir, organizar, analisar, experienciar a partir dos movimentos, formas, espaços e pelas dinâmicas” (Oliveira, 2025, p. 13).



Ainda no âmbito da dança, Erick Santos (2022), de forma criativa, entrelaçou as metodologias da escrevivência com a autoetnografia, empregada no contexto artístico, com o objetivo de trazer dados dos seus diários de escrevivência, poemas e possíveis conceitos criados.

Na cena do teatro, a maior parte das pesquisas e estudos encontrados usam da autoetnografia como apoio a outros métodos, a exemplo de Nogueira (2021). Ao dissertar “o teatro negro na arte-educação do Centro de Referência Integral de Adolescentes – CRIA: um Olhar autoetnográfico”, em trabalho defendido no PPGAC-UFBA, a autora evoca Versiani (2005), para considerar a autoetnografia como um modo de pesquisa em que se busca valorizar a experiência do pesquisador por meio “da descrição e análise sistemática para maior entendimento dos contextos ao qual pertence ou em que participa, utilizo também como recurso metodológico uma revisão literária a partir de fichamentos e resumos” (Nogueira, 2021, p. 16).

Também do PPGAC-UFBA, temos Georgenes Isaac Santos (2024), cuja dissertação foi produzida a partir da ótica da autoetnografia, na qual as narrativas de si, os processos subjetivos e coletivos “são relacionados ao campo epistemológico das Artes Cênicas, refletindo sobre questões referentes aos processos de criação artística a partir das vivências de artistas LGBTQIAPN+ do Coletivo Das Liliths” (Santos, I., 2024, p. 12).

Nesta seção apresentei um panorama de autorias e trabalhos que têm a autoetnografia como método de produção, debatendo como pesquisadores/as a percebem, refletem e argumentam acerca do fazer autoetnográfico. Interessante como, de formas diferentes, os diálogos se encontram e ressoam em prol da defesa do uso desse fazer nas linguagens artísticas diversas, como uma ferramenta capaz de proporcionar pesquisas que ampliam o fazer científico, indo além deste, compreendendo-se não só os seus objetos de investigação e interesse, suas práticas artísticas, mas também sobretudo a si mesmos enquanto artistas e pesquisadores/as não satisfeitos/as com os formatos metodológicos tradicionais, contribuindo, assim, para um salto epistemológico insurgente e necessário no campo da ciência, especificamente das Artes Cênicas.



# POR QUE AUTOETNOGRAFIAR? REFLEXÕES INSURGENTES DA AUTOETNOGRAFIA PARA PESQUISAR - DOR

Alcançados e em certa medida, esgotado o alcance da Revisão Narrativa de Literatura proposta, que também tem os seus limites, a partir daqui, sobe ao palco Márcio Cardoso Coelho (2023). Ainda que o autor não seja exatamente do campo das Artes Cênicas, a exceção se dá pela profundidade do trabalho produzido, com a e acerca da autoetnografia, sobre as experiências negra, de negritude, na área da da educação física, pensando uma educação libertadora, em referência ao patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1921-1997), que deve ser comum também aos artistas que são, serão, e/ou também atuam como professores de artes.

A autoetnografia é, para Coelho (2023, p. 24), “uma maneira descolonizada de pesquisa científica, uma forma de libertação dos ‘grilhões’ e das ‘amarras’ epistemológicas que insistem em nos prender ao colonialismo científico”. Sintamos o seu desabafo acerca da escolha desse método:

Trazer a minha palavra (professor de Educação Física negro), em uma autoetnografia crítica, parece ser um passo importante nesse meu processo, pois a reflexividade que a autoetnografia produz no autoetnógrafo, em uma pesquisa que procura interpretar os aspectos da minha experiência negra na condição de professor, também é uma forma descolonizada de pensar a ciência e os seus objetivos. É uma pesquisa autoetnográfica (que, para alguns dos professores do PPGCMH/UFRGS, não é ciência), negra que traz a minha palavra,



sendo um resgate ontológico da minha experiência negra em diálogo com outras experiências negras, mediatizadas pelo mundo, no contexto da cultura escolar e do componente curricular Educação Física, buscando a descolonização e a libertação (Coelho, 2025, p. 61).

Em sua meta de elaborar uma “pesquisa pautada na busca por libertação”, Coelho (2025, p. 62) apresenta o entendimento de que a autoetnografia é uma forma descolonizada de pensar a pesquisa científica. Portanto, “é uma nova maneira de pensar a construção e no desenvolvimento do conhecimento científico” (Coelho, 2025, p. 65). No caso de estudos pautados por uma posição política de resistência perante o mundo, a exemplo do que produziu, a autoetnografia é a opção teórico-metodológica mais indicada, conforme sugere Coelho (2025), complementando que “autoria e recusa da suposta neutralidade científica e reflexividade crítica são aspectos que fazem parte da autoetnografia” (p. 66).

Embora tenha optado pela autoetnografia pelos motivos já expostos, Coelho (2025) ressalta que a rigorosidade científica não pode ser esquecida. “Os procedimentos metodológicos precisam convergir entre teoria e empiria para conferir rigor e validade ao estudo” (Coelho, 2025, p. 67). E faz os seguintes questionamentos: quando nasce uma autoetnografia? Como o impulso autoetnográfico toma corpo e vira curiosidade científica a ponto de se transformar de inquietação em pesquisa? Ele mesmo responde que o seu processo “começou quando [questionou] determinadas ‘verdades absolutas’, quando a ‘História única’ (Adichie, 2019) deixou de fazer sentido. Nesse momento, parece ter nascido a minha autoetnografia” (Coelho, 2025, p. 73). A pesquisa científica ainda está fortemente ligada a uma forma colonizada de pensar e fazer ciência (Coelho, 2025), em que os estudos autorreferentes, como é o caso de sua autoetnografia, ainda sofrem muitos questionamentos e, por vezes, têm a sua condição de opção teórico-metodológica de se fazer pesquisa desacreditada. Isso se deve porque, talvez, segundo Coelho (2025), o tal proceder descolonizado da pesquisa, no caso dos estudos autorreferentes, “comece com a própria afirmação de uma postura descolonizada frente às opressões que um modo de pensar e fazer pesquisa e ciência tentam impor o tempo inteiro” (Coelho, 2025, p. 82).

Consoante a Coelho (2025), foi o aprofundamento nas leituras e a consequente densidade na compreensão da pesquisa autoetnográfica que lhe permitiram entender um aspecto central em uma autoetnografia: a experiência. E foram as reflexões em torno desse aspecto que fundamentaram



decisões importantes relacionadas a como buscar as informações, sobre como os instrumentos de produção dessas informações deveriam potencializar os artefatos culturais que foram sendo encontrados *in loco* na pesquisa. Assim, Coelho (2025) chegou à conclusão de que a experiência cultural compartilhada e sua potencialidade reflexiva não necessitam de entrevistas. “E esse entendimento só ficou evidente com a densidade da compreensão sobre a importância do aspecto experiência no contexto da autoetnografia crítica” (Coelho, 2025, p. 82).

Para esse autor, o objeto de estudo da autoetnografia é a cultura, e a centralidade está, diferentemente da etnografia, “nos sentidos e nos significados que a experiência do pesquisador produz nessa própria cultura, no momento em que o compartilhamento da experiência acontece nesse contexto cultural” (Coelho, 2025, p. 84), compreendendo ainda que a autoetnografia requer tanto a interpretação quanto “a análise das experiências vividas pelo próprio pesquisador, que, por sua vez, ao compreender, de forma densa, os diálogos, essa tarefa se tornaria mais significativa” (Coelho, 2025, p. 99). E foi então que, para mim, a sua pesquisa, de fato, passou a fazer sentido, não sem antes vivenciar uma crise: “E após o entendimento real da autoetnografia como uma forma descolonizada de pensar a pesquisa e a própria ciência. **A neutralidade não existe!**” (Coelho, 2025, p. 101, grifo nosso).

Coelho (2025) reflete, ainda, acerca da autoetnografia crítica como forma de produzir pesquisa científica descolonizada, “pois a crítica reside na denúncia da opressão” (Coelho, 2025, p. 102), confessando que a “arqueologia” da sua dor foi desvelada e compreendida e as circunstâncias que a causavam puderam ser (res)significadas e permitiram um novo olhar sobre o mesmo objeto, olhar este que o fez avançar na condição de negro de professor e pesquisador. “A autoetnografia crítica me possibilitou desvendar essa arqueologia, entendendo a forma que esse processo se dá” (Coelho, 2025, p. 102).

Como se sabe, principalmente os progenitores da ciência eurocentrada e positivista criticam e questionam os alcances deste método, sendo uma das críticas pautada “na opressão que a ditadura do método impõe sobre a pesquisa qualitativa, principalmente em relação às autor-referentes, como é o caso da autoetnografia” (Coelho, 2025, p. 103), uma vez que, enquanto método de pesquisa, a autoetnografia adota uma abordagem sistemática para produção, análise e interpretação de dados sobre o *self* e os fenômenos sociais que o envolvem. Ainda de acordo com Coelho (2025), essa abordagem sistemática e intencional da compreensão sociocultural



do *self* diferencia a autoetnografia de outros escritos de autonarrativa, como memórias e autobiografias. “Em segundo lugar, a autoetnografia é autocentrada. O pesquisador está no centro da investigação como um ‘sujeito’” (Coelho, 2025, p. 103). A título de exemplo, eis um dos seus emocionantes relatos:

As horas restantes do turno da manhã, naquela sexta feira fria de inverno, passaram muito mais lentas que o habitual. Alguma coisa depois daquele momento parecia não fazer sentido, e eu, sinceramente, ainda estava vivendo a “crise da autoetnografia”, em que a pesquisa parecia muito próxima de uma etnografia, muito disso por eu ainda me colocar na “caixinha metodológica”, colonizadora de uma ciência neutra e positivista. Mas mal sabia eu que, dentro de mais ou menos uma hora e meia, naquele mesmo dia, aconteceria uma cena que mudaria os rumos dessa pesquisa autoetnográfica, uma das delícias da pesquisa qualitativa, o fator imprevisibilidade (Coelho, 2025, p. 119).

Sem querer fazer deste estudo um divã, repleto de longas citações, segue mais um pouco da emoção evocativa e do turbilhão de emoções e sensações que uma autoetnografia pode nos causar, em empatia com Coelho:

O corpo do branco não é o meu corpo. Com essa frase forte, a reflexividade que a autoetnografia crítica proporciona me permite perceber que esse corpo conscientemente procura uma racionalidade que lhe contempla, lhe completa e que lhe permite produzir conhecimentos e saberes (episteme), sendo quem realmente é (onto). Essa parece ser a forma como um corpo se caracteriza como consciente. A descolonização e a Educação Libertadora são processos que se completam na busca por uma onto/episteme de um corpo consciente na negritude. O corpo que reconhece sua corporeidade, religiosidade, estética e ancestralidade e que consegue se afirmar no contexto social e cultural em que está inserido (2025, p. 125).

Reafirmando o potencial do método autoetnográfico para transformar as dores do racismo, da opressão e da violência em força científica, contemplando não somente os corpos negros, mas também de outros sujeitos a exemplo dos indígenas, quilombolas, ciganos/as e demais Povos e



Comunidades Tradicionais (PCTs), convém um último desabafo de Coelho (2025) relacionado à escolha e à convicção de assertividade desse método em pesquisas que se pretendem antipositivistas, progressistas e contracoloniais:

Um dos aspectos mais importantes que permearam essa pesquisa foi a percepção de como o corpo negro é visto e vivido no contexto escolar. Isto é, o meu corpo negro e todos os corpos negros que estão inseridos nessa multiplicidade de vidas chamada escola. O corpo negro é estigmatizado e estereotipado por não ser considerado “padrão”, o corpo do “ser humano universal”, aquele que dita as regras e o tom de normalidade, inclusive a estética. Nesse ponto, retomando a minha trajetória, vi que fui muito oprimido com relação ao meu corpo e que imagem, a estética desse corpo, deveria transmitir para os demais sobre quem eu era. Uma estética pautada na “pedagogia do medo”, medo de ser confundido com um criminoso, medo de ser um alvo da polícia, medo de ser considerado inferior. Medo era a palavra e a tônica. Um dos aspectos que pude nitidamente perceber e essa percepção só foi viável pela reflexividade proporcionada pela autoetnografia crítica é que me afirmar para a negritude, como professor e como homem, necessariamente passaria pela descolonização do corpo, incluindo a estética (Coelho, 2025, p. 126).

Coelho (2025) reitera que objeto de estudo da autoetnografia é a cultura, tornando-se fundamental entender as manifestações culturais de um determinado contexto, específico e particular, do qual o pesquisador é parte integrante, sendo esses um dos objetivos centrais da autoetnografia. “Além disso, apontar as contradições da opressão neste contexto particular faz dessa autoetnografia uma autoetnografia crítica, mas, no meu entender, não se pode perder de vista a forma de interpretar a cultura” (Coelho, 2025, p. 149). Em sua última cena, desse modo Coelho nos inspira a autoetnografar:

No meu caso, a autoetnografia trouxe um novo significado para a experiência, a minha experiência negra na constituição pessoal e profissional, me fazendo entender a minha experiência negra oprimida e como essa experiência de um “corpo negro oprimido” dialoga intersubjetivamente com outros corpos



negros com experiências oprimidas ou renovadas no contexto, em específico, de uma escola municipal de Porto Alegre, pelas lentes da cultura corporal de movimento (2025, p. 174).

“Autoetnografia é uma forma de auto narrativa. O sujeito é contexto, ator e autor” (Liziero; Romero, 2024, p. 86). Aqui, como autoetnógrafo, estudioso e defensor desse método, cabe refletir que a autoetnografia não é tão somente uma forma de autonarrativa em que o/a sujeito é contexto, personagem, ator e autor, mas é também, e sobretudo, porta-voz de narrativas compartilhadas pela coletividade, seja étnica, racial, sexual, de gênero, seja de outros grupos, segmentos e comunidades de pertencimento. Ou seja, embora haja o “auto”, e por si só pudesse bastar, ela se fortalece quando está sucedida dos/as seus outros/as, que formam um eu em coletividade e movimento, e, servindo na mesa da ciência um farto banquete de subjetividades. Na cena final: “já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência” (Krenak, 2019, p. 18).

---

## CONCLUSÃO

Este estudo apresentou perspectivas metodológicas da autoetnografia, considerando-a um método insurgente, potente, diferente dos já saturados fazeres científicos tradicionalistas. Evidenciou-se que a memória assume um papel fundante na produção autoetnográfica, que pode contar ainda com arquivos do/a autor/a, utilizar outras fontes historiográficas, podendo ter apenas a si mesmo/a como sujeito/a de pesquisa, ou outros/as participantes pertencentes ao/s grupo/s de pertença de quem a produz, implicando escolhas e decisões que diferenciam o tipo da autoetnografia, seja crítica, reflexiva, evocativa, informativa, heurística etc. Minimamente, este artigo dialoga com esses tipos e formatos, através dos relatos densos e profundos de autores/as, preponderantemente, das Artes Cênicas.

Ao trazer ao palco o autor quilombola Antônio Bispo dos Santos – o Nêgo Bispo (2015; 2023), para refletir e praticar as claves teóricas da contracolonialidade e a confluência, e o indígena Ailton



Krenak (2019), nas reflexões acerca de *memória* e *subjetividades*, demonstrou-se como a auto-etnografia pode e deve ser um método antipositivista e contracolonial na ciência destes tempos, ampliando o seu alcance e corroborando com a virada epistêmica observada na ciência brasileira.

A divisão do estudo em seções que se complementam e se confluem demonstrou eficiência no cumprimento dos objetivos de compreender o método autoetnográfico, e o seu uso nas pesquisas em Artes Cênicas em diversas linguagens, além de apresentar reflexões autoetnográficas críticas acerca desse método, descortinando suas potencialidades e seus limites na pesquisa científica, a partir da Revisão Narrativa de Literatura (RNL), que se mostrou um método competente para o cumprimento da proposta do estudo, fazendo deste artigo um aporte atualizado e convidativo aos interessados/as na autoetnografia no campo das Artes Cênicas.

---

## REFERÊNCIAS

---

- » ACÁCIO, Leandro Geraldo da Silva. Performar Nietzsche: a autoetnografia como caminho metodológico aplicado ao processo criativo de Adeuzará. **Revista NUPEART**, v. 27, n. 2, 2023. Disponível em: [revista.udesc.br](http://revista.udesc.br). Acesso em: 21. jul. 2025).
- » ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- » ARAÚJO, Getúlio Góis de. **All Star- Um Estudo Autoetnográfico Sobre Minha Trajetória Com Adolescentes, Teatro E Escola**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2017.
- » BINS, Gabriela Nobre. **Tecendo saberes, tramando a vida-a Educação Física e a Pedagogia Griô: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA**. 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/248889>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- » COCCARO, Luciane Moreau. (D) escrições Autoetnográficas: performance em diálogo com abordagens de pesquisa antropológica. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 11, p. e102509, 2021.



- » COCCARO, Luciane Moreau. Antropologias em Dança: dança em diálogo com abordagens antropológicas no campo acadêmico. **Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança** (1: 2019: Florianópolis, SC) Anais [recurso eletrônico] / I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança; Giselle Guilhon Antunes Camargo [et al.] (organizadores) – Belém: Programa de PósGraduação em Artes/UFGA, 2024. Disponível em: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>; acesso em: 21. jul 2025.
- » COELHO, Márcio Cardoso. “**Te afirma, sor Márcio**”: experiência negra, negritude, educação física e educação libertadora em uma autoetnografia crítica em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/279603>. Acesso em: 21. jul. 2025.
- » CORDEIRO, Alexandre Magno.; OLIVEIRA, Glória Maria.; RENTERÍA, Juan Miguel. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007.
- » COSTA, Paula Chamy Pereira. Confissões de uma viajante: reflexões sobre a observação da vida silvestre a partir da autoetnografia. **Revista Brasileira de Ecoturismo** (RBEcotur), v. 18, n. 1, p. 279-293, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/19557>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- » DAL GALLO, Fabio. A etnografia na pesquisa em artes cênicas. **MORINGA-Artes do Espetáculo**, v. 3, n. 2, 2012.
- » DANTAS, Mônica Fagundes. Autoetnografias em Desnudamentos Cênicos. **Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança** (1: 2019: Florianópolis, SC) Anais [recurso eletrônico] / I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança; Giselle Guilhon Antunes Camargo [et al.] (organizadores) – Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFGA, 2024. Disponível em: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- » FERNANDES FILHO, Roi Rogeres. **Ciganos acampam em instituições de ensino superior**: panorama das ações afirmativas para acesso dos povos ciganos ao ensino superior no Brasil através do itinerário autoetnográfico de um cigano estudante. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2023.
- » FERNANDES FILHO, Roi Rogeres; SANTOS, Georgina Gonçalves dos. Estudante nu espelho: o fazer autoetnográfico refletido em tendas de sentidos. **Observatório da vida estudantil**:



compreensões e trilhas teórico-metodológicas. *In*: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha.; BORJA, Maria Eunice Limoeiro Borja. (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2023.

- » FERREIRA, Mayra de Brito. A expressão musical no teatro: em busca de uma autoetnografia junto ao Coletivo de Teatro Alfenim (PB). **XXVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** – Manaus – 2018. Disponível em: [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2018/5511/public/5511-18187-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2018/5511/public/5511-18187-1-PB.pdf). Acesso em 21. jul. 2025.
- » FLOR, Tainá de Oliveira.; GONÇALVES, Antônio José da Silva.; VINHOLI JÚNIOR, Airton José.; TRAJANO, Valéria da Silva. Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências. *In*: **VI CONAPESC – Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências**, Campina Grande, PB: Realize, 2021. Anais... Campina Grande, PB, 2021.
- » FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Tradução: Helena Mello. **Cena**, n. 7, p. 77-77, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961/7154>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- » KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- » LIZIERO, Leonardo; ROMERO, Luiz Rogério. Orientação na Educação Física Escolar: Autoetnografia em uma unidade didática sobre práticas corporais de aventura orienteering for physical education at Schools: Autoethnography About Adventure Activities At A. **Trilhas Pedagógicas**, Pirassununga, v. 14, n. 17, p. 83-97, ago. 2024.
- » MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, p. 39-45, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/MRQ6kxTSRXZDZpdD4vKnmWD/?format=html>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- » NOGUEIRA, Fernanda Silva. **O teatro negro na arte-educação do Centro de Referência Integral de Adolescentes-CRIA**: um olhar autoetnográfico. Dissertação (mestrado), PPGAC-UFBA, 2021.
- » OLIVEIRA, Kênia Santana de. **Autoetnografia na dança**: reflexões sobre corpos plurais e experiências. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teoria da Dança) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/25746/1/KS0liveira.pdf>. Acesso em 20. jul. 2025.



- » ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. **Veredas Temática**: autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares, Volume 22 nº 1 - 2018.
- » SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- » SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.
- » SANTOS, Georgenes Isaac Silva do Carmo. **Coletivo Das Liliths**: O Descortinamento De Narrativas De Pessoas Lgbtqiapn+ Históricas Que Foram Silenciadas No Brasil: Um olhar sobre os processos de criação dos espetáculos da Trilogia dos Trópicos. Dissertação (mestrado). PPGAC-UFBA, Salvador, 2024.
- » SANTOS, Sílvia Matheus Alves. **Experiências de desigualdades raciais e de gênero**: narrativas sobre situações de trabalho em uma fast fashion. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde07112019-170454/pt-br.php>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- » SANTOS, Sílvia Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 1 sem. 2017.
- » SILVA, Erick Santos. **Juntó dançando sankof**: escrevivência na dança africana-brasileira. Dissertação (mestrado), PPG Dança - UFBA, Salvador, 2022.
- » VERSIANI, Daniela Giana Claudia Beccaccia. **Autoetnografias**: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.